

A difusão dos conceitos da teoria realista das relações internacionais relacionados com a guerra da Rússia-Ucrânia

Tomás Martins Pereira Bastos*

O desenvolvimento das teorias das relações internacionais foi evidenciado após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), situação na qual se relacionaram com a discussão da centralidade do poder do Estado e remontaram a pensadores clássicos, como Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, John Locke, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau. Os estudos praticados por esses teóricos clássicos demonstraram o papel dos Estados-Nação no sistema mundial pela busca de poder.

A expansão territorial dos Estados nacionais e o controle sobre recursos naturais existentes em territórios além das fronteiras nacionais são os ingredientes latentes, em grande parte, dos conflitos interestatais. Nesse sentido, muitas vezes, negar o acesso a recursos estratégicos, ou conter a expansão imperialista de um Estado (ou grupo de Estados), no interior do sistema internacional, torna-se a lógica dos grandes *players* da política internacional. (JUBRAN, B.M; LEÃES, R.F.; e VALDEZ, R.C.C, 2015, p. 6)

Dentre as teorias mais abordadas no mundo acadêmico, destaca-se o *Realismo*, que se fundamenta na anarquia do sistema internacional e no conceito do papel do Estado como único provedor de sua soberania plena, que, em última instância, só pode contar com seus próprios meios, opondo-se à *teoria idealista*, que norteia seu pensamento na cooperação entre os países para promover a paz.

Para os realistas, dada a inexistência de uma instância supranacional capaz de acomodar interesses e solucionar contendas, trata-se de um elemento causador de desequilíbrios e de confrontos: como os Estados só têm a si mesmos para atingir seus objetivos, não há como evitar a ocorrência de guerras. (JUBRAN, B.M; LEÃES, R.F.; e VALDEZ, R.C.C, 2015, p. 13)

O ataque ordenado por Vladimir Putin para a Rússia invadir a Ucrânia foi unilateral, uma vez que foi executado sem o aval do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CSNU), que é o organismo supranacional mais relevante do atual ordenamento mundial para questões de segurança. Essa atitude reforçou a tese dos pensadores realistas, como Hans Morgenthau, um dos mais conhecidos defensores teóricos do realismo político moderno, de que o equilíbrio do poder se encontra balizado pela capacidade bélica de cada país e em sua capacidade de projeção para conquistar seus objetivos.

A principal característica do realismo político é o conceito de interesse, definido em termos de poder que infunde uma ordem racional no objeto da política e, assim, torna possível a compreensão teórica da política. O realismo político enfatiza o racional, o objetivo e o não emocional. (WIKIPEDIA, Hans Morgenthau. Acesso em: 19 maio 2022)

*Maj Eng (AMAN/2007, EsAO/2017). Atualmente, é instrutor da ESAO.

Desenvolvimento

Na madrugada do dia 24 de fevereiro de 2022, cerca de 200 mil soldados russos invadiram a Ucrânia em três frentes. Uma mais ao norte, partindo de Belarus em direção à capital Kiev; a segunda partindo na direção leste-oeste, do território da Rússia em direção à cidade de Kharkiv; e a terceira partindo da Crimeia para dominar Mariupol e a parte sul ucraniana, que fica debruçada sobre o mar Negro.



Figura 1 – Mapa do ataque russo

Fonte: <https://www.poder360.com.br/internacional/russia-ataca-a-ucrania/> Acesso em: 21 maio 2022

A guerra é o ápice da retórica da teoria realista, uma vez que é a maior demonstração de força do Estado-Nação para conquistar seus objetivos geopolíticos. Desde que assumiu o comando da Rússia, nos anos 2000, Vladimir Putin vem discursando sobre o erro estratégico russo de dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, e vem buscando a maior inserção do país no cenário mundial.

O país invadiu a Geórgia, no ano de 2008, intervindo em disputas internas e anexando a porção territorial controlada por grupos separatistas pró-Rússia.

Anos mais tarde, em 2014, Putin incorporou a região da Crimeia, após a organização de um duvidoso referendo, no qual cerca de 90% da população dessa localidade declarou a intenção de se juntar a Moscou. Em setembro do mesmo ano, foi assinado o Protocolo de Minsk, entre a Rússia e a Ucrânia, no qual ficou definida a pacificação da linha fronteira entre os países na região de Donbass e que não haveria novas reivindicações territoriais por parte dos russos.

No caso mais recente da Ucrânia, em desrespeito ao acordo de Minsk, os russos vinham financiando grupos separatistas na região de Luhansk e Donetsk, na fronteira com a Rússia. Putin, inclusive, reconheceu a independência dessas províncias em 21 de fevereiro de 2022. O intuito dessa aproximação com os revoltosos foi fomentar o conflito no interior desse país e impedir sua adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), enaltecendo a disputa de poder pregada pelos realistas.

Essa situação se agravou com a assunção do 6º presidente ucraniano, em maio de 2019, Volodymyr Zelensky, que, desde sua campanha, declarou a intenção de se aproximar do Ocidente, em detrimento da manutenção da influência russa no país. A Ucrânia é um importante ator no cenário europeu, já que é o segundo maior país do continente, possui a segunda maior produção de trigo do mundo e ostenta grande quantidade de recursos naturais estratégicos, como petróleo, gás natural, minério de ferro e carvão. Além disso, sua localização geográfica é estratégica, já que o país é área de passagem de diversos gasodutos e oleodutos vindos da Rússia que abastecem as principais regiões europeias.

Nesse contexto, o atual governo ucraniano vem buscando se aproximar do ocidente para promover maior crescimento econômico de sua nação, situação que desagrade aos interesses do Kremlin. Os discursos de Zelensky informavam a vontade política nacional de se integrar à OTAN, a fim de garantir a segurança externa por meio de uma aliança militar e impedir a interferência direta russa, no intuito de garantir paz na esfera militar, para promover o progresso.

Do lado russo, a aproximação da Ucrânia com os países ocidentais, capitaneados pelos Estados Unidos

da América (EUA), na liderança da OTAN, deixaria seu país vulnerável na área de defesa e diminuiria, ainda mais, sua capacidade de influenciar os países da ex-URSS. Essa assertiva corrobora os conceitos da escola realista, pois confirma sua premissa de que os países buscam seus interesses em primeira instância.

Putim anunciou a invasão russa à Ucrânia ressaltando a defesa da soberania russa: “Para os EUA e seus aliados, é a chamada política de detenção da Rússia, com óbvios dividendos políticos. E para nosso país, é uma questão de vida ou morte, é uma questão do nosso futuro histórico como povo. Não é exagero. *É uma ameaça real não só aos nossos interesses, mas à própria existência do nosso Estado e sua soberania*”. (<<https://neai-unesp.org/en/notas-sobre-o-realismo-politico-na-guerra-russa-contra-a-ucrania/>> Acesso em: 19 maio 2022)

Após iniciados os ataques russos, a Ucrânia mobilizou o máximo possível de tropas e iniciou a sua defesa. O apoio do ocidente, que era esperado pelos ucranianos, não veio na medida necessária, fato que corroborou a teoria realista de *self-defense*, que ficou evidente para todo o mundo no discurso de Zelensky.

Não à toa, a guerra na Ucrânia não pôde ser evitada pela maior organização internacional do planeta: “Nos deixaram sozinhos para defender nosso Estado”, afirmou o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky. “Quem está disposto a lutar conosco? Não vejo ninguém. Quem está disposto a dar à Ucrânia uma garantia de adesão à Otan? Todos estão com medo”. (<<https://neai-unesp.org/en/notas-sobre-o-realismo-politico-na-guerra-russa-contra-a-ucrania/>> Acesso em: 19 maio 2022)

Após o primeiro mês de embates e o êxito da defesa ucraniana, que conseguiu manter a capital Kiev, outros países começaram a fornecer material bélico, como os mísseis Javelin de defesa antiaérea, fabricados e distribuídos pelos EUA. O atual interesse geopolítico é desgastar a Rússia, econômica e militarmente, por meio de uma longa disputa, também conhecida como *guerra de procuração*.

O objetivo russo de uma rápida conquista da Ucrânia e a deposição de Zelensky para forçar novas elei-

ções e colocar um governo pró-Moscou não foi alcançado. Com isso, o país perdeu força política e capacidade de persuasão em seu entorno estratégico, possibilitando o momento propício para que outros países buscassem seus interesses. Isso resultou na aprovação do Parlamento da Finlândia do termo de adesão à OTAN, bem como na assinatura da Suécia de uma carta de solicitação para sua entrada na organização. Esses fatos salientam a relevância da teoria realista, pois reforçam a anarquia do sistema internacional e a certeza de que cada Estado busca seus objetivos em primeiro lugar.

A guerra da Rússia-Ucrânia está prestes a completar três meses sem a perspectiva de uma solução no curto prazo. Tanto Moscou quanto Kiev acenaram para a possibilidade de terminar os conflitos com a consolidação de seus interesses, gerando divergências e dificultando o cessar-fogo.

Conclusão

A teoria realista das relações internacionais enalteceu o papel central do Estado-Nação nas disputas de poder. Os pensadores dessa corrente apontaram que os países buscam seus interesses em primeira instância em detrimento da cooperação pela paz mundial.

A guerra da Rússia-Ucrânia exemplificou esses conceitos. Na primeira fase, a invasão dos russos, sem o aval do CSNU, demonstrou o unilateralismo na ação e caracterizou o fundamento da escola realista. Depois, a defesa dos ucranianos, sem o apoio do Ocidente, corroborou que o Estado só pode contar consigo mesmo para atingir seus objetivos. Pode-se ainda inferir que a assinatura dos termos de adesão à OTAN por parte da Finlândia e da Suécia, no momento de enfraquecimento russo no Leste Europeu, reforça o Realismo na condução das nações no sistema global.

A intenção da Rússia em conseguir uma rápida conquista no país vizinho e colocar um governo pró-Moscou, retirando Zelensky do poder, não foi atingida. Com isso, esse governante aumentou seu prestígio e buscou ampliar o poder de barganha da Ucrânia no conflito, na OTAN e no mundo. Além disso, a

Finlândia e a Suécia aproveitaram o momento para colocar em prática seus objetivos de estreitarem suas relações com o ocidente e se afastarem da influência russa.

Por fim, a guerra da Rússia-Ucrânia evidenciou, para as discussões políticas de cada país, os

conceitos da teoria realista. Observou-se que a dinâmica mundial é imprevisível e que cada nação busca seus interesses individuais em detrimento do todo, situação que fortaleceu a anarquia do sistema internacional e o papel central dos Estados nas relações internacionais. 

Referências

JUBRAN, B.M; LEÃES, R.F.; e VALDEZ, R.C.C. **Relações internacionais: conceitos básicos e aspectos teóricos**. Porto Alegre, 2015. Texto para discussão – Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser.

GLOBO.COM. **Parlamento da Finlândia aprova entrada na OTAN, e Suécia assina carta de adesão**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/05/17/parlamento-da-finlandia-aprova-adesao-a-otan.ghtml>> Acesso em: 22 maio 2022.

PODER 360. **Rússia ataca a Ucrânia**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/russia-ataca-a-ucrania/>> Acesso em: 21 maio 2022.

TOLEDO, Sara. **Notas sobre o realismo político na guerra russa contra a Ucrânia**. Disponível em <<https://neai-unesp.org/en/notas-sobre-o-realismo-politico-na-guerra-russa-contr-a-ucrania/>> Acesso em: 19 maio 2022.

WIKIPEDIA. **Hans Morgenthau**. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Hans_Morgenthau> Acesso em: 19 maio 2022.

WIKIPEDIA. **Teoria das Relações Internacionais**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_rela%C3%A7%C3%B5es_internacionais> Acesso em: 19 maio 2022.